

ESTRATÉGIA PARA A ELIMINAÇÃO DE BARREIRAS COMUNICACIONAIS: OS BENEFÍCIOS DO ENSINO DE LIBRAS PARA OUVINTES NO ENCONTRO COM A PERSPECTIVA DO DESENHO UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM

Deyse Cristina BARBOSA¹

Geisa Letícia Kempfer BÖCK²

RESUMO

O presente ensaio teórico, foi orientado por uma abordagem de pesquisa exploratória que visa examinar as contribuições do ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para estudantes ouvintes no contexto do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA). Com foco central na perspectiva da acessibilidade e respeito à diversidade linguística das escolas, buscamos identificar e analisar os benefícios proporcionados pela inserção do ensino da Libras no ambiente educacional com foco nos estudantes ouvintes. O Desenho Universal para Aprendizagem serve como arcabouço teórico para avaliar estratégias pedagógicas que podem ser aplicadas pensando na individualidade e que alcancem o maior número de estudantes. Ao investigar as implicações dessa abordagem, buscou-se oferecer *insights* valiosos sobre como a Libras pode aprimorar a experiência de aprendizado, promovendo um ambiente educacional que considere as diferentes formas de aprender, levando em consideração a importância da diversidade linguística e seus efeitos no desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes. Ao considerar o potencial enriquecedor do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA), destaca-se a importância de uma abordagem pedagógica que não apenas proporcione acesso de todos ao conhecimento, mas também estimule a valorização da diversidade cultural e linguística, e reconhece a contribuição da língua de sinais para a riqueza do ambiente de aprendizagem como um todo. Através da promoção da diversidade linguística, é possível criar um ambiente educacional mais dinâmico e inclusivo, que prepara os estudantes para interagir de forma significativa em uma sociedade plural e multicultural. Nesse sentido, espera-se que a Libras elimine barreiras linguísticas e possa ser considerada uma língua para todos os aprendizes.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais, Ensino, Ouvintes, Desenho Universal para Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Na esfera das discussões sobre a língua de sinais, enquanto meio de comunicação, frequentemente observamos a associação direta desta língua com a comunidade surda. Atualmente, legislações são reconhecidas por assegurar a comunicação através da língua

¹ Graduada em Ciências Biológicas, Mestranda em Educação Inclusiva, PROFEI- UDESC, dev_se@hotmail.com

¹ Doutora em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC, Santa Catarina. Orientadora. geisa.bock@udesc.br

brasileira de sinais em ambientes educacionais e públicos através da presença de intérpretes para surdos. É plausível concordar que, nos últimos anos, a língua de sinais tem sido difundida e reconhecida por uma considerável parcela da população, este movimento é recente e fruto de uma história conquistada por meio de muitas lutas e esforços da comunidade surda. No entanto, ainda existe a concepção enraizada de que a língua brasileira de sinais - Libras é exclusivamente destinada aos surdos, contribuindo para a ampliação da lacuna comunicacional, pois a comunicação entre ouvintes e o estudante surdo comumente ficam limitadas a triangulação com os intérpretes.

Compreendendo a importância das relações dos estudantes em ambientes formais de aprendizado, neste caso a escola, com a escrita deste artigo buscaremos a reflexão sobre a seguinte questão para investigação: Quais são as contribuições do aprendizado de Libras por ouvintes nas escolas, quando esse ensino se pauta na perspectiva do Desenho Universal para Aprendizagem?

A ausência do aprendizado de Libras nas escolas torna-se uma barreira significativa na promoção da inclusão das diferentes formas de aprender e na valorização da diversidade linguística. A designação da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como segunda língua oficial do país representa um passo significativo em direção à inclusão linguística. Contudo, a prática atual, que limita a utilização da Libras apenas na presença de estudantes surdos, subestima o verdadeiro valor dessa língua. Essa omissão perpetua barreiras historicamente construídas as quais limitam a participação da comunidade surda de forma plena nos ambientes escolares e num panorama ampliado, na sociedade. Além disso, negligenciar o ensino de Libras nas escolas desconsidera a riqueza cultural e linguística dessa comunidade, contribuindo para o reforço de estereótipos do padrão normativo dos corpos, considerando a deficiência e não a diferença linguística.

A verdadeira inclusão linguística implica em incorporar a Libras de maneira abrangente em todas as instituições de ensino, independentemente da presença de estudantes surdos. Ao reconhecer e incorporar essa forma de comunicação, não apenas fortalecemos as aprendizagens individuais, mas também potencializamos a produção do acesso coletivo.

No encontro com essa perspectiva normativa, no qual todos os corpos devem seguir um padrão, inclusive na forma de aprender e se comunicar, nos deparamos com a perspectiva de eliminar barreiras e ampliar possibilidades de aprender que é proposta pelo Desenho Universal para Aprendizagem - DUA. Embora não seja o enfoque deste artigo, destacamos

apontamentos de forma sucinta, sobre a perspectiva do estudante surdo, que, pois traremos aqui a perspectiva da eliminação de barreiras e direito de aprendizado de todo e qualquer estudante, pois no contexto apresentado, a aplicação dos princípios do DUA pode corroborar significativamente para a aprendizagem e ampliação das interações entre todos da comunidade escolar.

De acordo com a proposta do DUA, a aprendizagem é concebida como um processo contínuo, orientado a atender às necessidades específicas de todos os estudantes, independentemente de terem ou não alguma deficiência. Para alcançar esse propósito, os princípios fundamentais do DUA estão organizados da seguinte maneira:

Princípio I: proporcionar meios e modos múltiplos de apresentação (o “que” da aprendizagem);
Princípio II: Proporcionar meios múltiplos de ação e expressão (o “como” da aprendizagem).
Princípio III: Proporcionar modos múltiplos de autodesenvolvimento (o “porquê” da aprendizagem) (CAST, 2011, p. 5).

O framework do DUA é projetado para ser flexível e adaptável, fornecendo aos educadores uma estrutura que lhes permite criar ambientes de aprendizagem mais inclusivos e eficazes, ele está estruturado em torno dos três conjuntos de redes de aprendizagem. Princípio 1: Para apoiar o aprendizado de reconhecimento, forneça métodos de apresentação múltiplos e flexíveis. Princípio 2: Para apoiar aprendizagem estratégica, forneça métodos de expressão e aprendizado múltiplos e flexíveis. Princípio 3: Para apoiar a aprendizagem afetiva, ofereça opções múltiplas e flexíveis de engajamento (CAST, 2011, p.5).

Em consonância com essa abordagem, compreendemos que o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como segunda língua para estudantes ouvintes pode oferecer diversas contribuições significativas. Os destacados neste artigo serão:

Acesso e ampliação a múltiplos meios de ação e representação: A língua de sinais proporciona uma forma adicional de representação da informação promovendo a diversidade linguística e facilitando a compreensão por meio de canais visuais e gestuais. E está em consonância ao princípio do DUA que busca oferecer múltiplos meios de representação para atender à diversidade de estilos de aprendizagem.

Engajamento e Motivação: Por ser uma língua de modalidade visoespacial, a Língua de Sinais gera interesse, é comum a curiosidade dos estudantes na busca por sinais para

comunicação e o anseio em aprender. Sendo assim, a Libras pode aumentar o engajamento e a motivação dos ouvintes, proporcionando uma experiência atrativa e envolvente.

Desenvolvimento de uma língua gestual espacial: O aprendizado de uma língua adicional, no caso a língua brasileira de sinais (Libras) tem o potencial de impulsionar o desenvolvimento cognitivo, aprimorar habilidade como a memória, atenção e resolução de problemas e, alinha-se aos princípios do DUA, que visam fomentar o desenvolvimento holístico dos estudantes.

Aprendizagem colaborativa na redução de barreiras comunicativas: Ao iniciar o processo de aprendizado e o vocabulário começar a ficar mais consistente, as tentativas de comunicação sem intervenção começam a acontecer, isso resulta em interação interpessoal e promove um ambiente de aprendizado colaborativo e fortalece as relações entre os estudantes. Alinha-se ao DUA o qual destaca a importância de práticas que facilitem a comunicação e as torne mais efetivas.

Pensar os ambientes formais de aprendizagem que contemplem todas as formas de saber e diferenças individuais dos estudantes é proposta de educação inclusiva. O reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como uma língua completa e legítima é fundamental para embasar a afirmação de que ela contribui para a aprendizagem e formação de todos os estudantes, criar ambientes educacionais que atendam às necessidades de diversidade linguística, como direito linguístico daqueles inseridos nas escolas, trazem mais efetividade à garantia de uma educação equitativa e acessível.

Ao passo que ignorar a importância do aprendizado de Libras nas escolas perpetua a exclusão das mais diversas formas de aprender e nega a possibilidade de acesso a uma língua de completude e riqueza linguística. Sendo assim, para embasamento deste artigo, cada ponto destacado, supracitados acima, serão interligados aos princípios do Desenho Universal para Aprendizagem, voltando às possibilidades para os estudantes ouvintes.

METODOLOGIA

O presente ensaio teórico tem perspectiva da pesquisa exploratória (Gil, 2008), pois trata-se de uma abordagem inicial que tem como objetivo oferecer uma visão abrangente e criar familiaridade com o tema, identificar variáveis relevantes e formular questões de

pesquisa mais precisas para estudos subsequentes. Sobre a pesquisa exploratória, Gil (2008) destaca:

[...] Pesquisas exploratórias são as desenvolvidas com objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Esse tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis [...] (GIL, 2008, p. 27).

O principal objetivo deste estudo é trazer algumas contribuições do ensino de Libras para estudantes ouvintes dentro da perspectiva do Desenho Universal para Aprendizagem. Dessa forma, a metodologia empregada neste estudo visa proporcionar uma compreensão inicial e abrangente sobre a inclusão da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no currículo de estudantes ouvintes, utilizando o Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) como referencial teórico. A pesquisa exploratória permite identificar lacunas no conhecimento existente e delinear caminhos para investigações futuras mais detalhadas e específicas. Este ensaio teórico, portanto, pretende não apenas mapear, mas também inspirar novas pesquisas que possam aprofundar o entendimento e a eficácia do ensino de Libras, contribuindo para uma educação mais inclusiva e acessível.

REFERENCIAL TEÓRICO

A língua universal que vossos eruditos buscaram em vão e da qual perderam a esperança está aqui: está bem diante de vossos olhos, é a mímica dos surdos pobres. Porque não a conheceis, vós a desprezais, e contudo somente ela vos dará a chave para todas as línguas.

Michel De l'Épée³

Diante do contexto educacional inclusivo, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) assume uma função essencial na comunicação e interação com surdos, a aquisição da língua desde os anos iniciais emerge como elemento fundamental nesse processo. No entanto, para que a aprendizagem ocorra é necessário que os estudantes estejam envolvidos nesse processo e compreendam o porquê desse aprendizado, afinal os estudantes se envolvem e se

³ Segundo Réé (2000), o abade Charles Michel De l'Épée é destacado na história da educação do surdo por ter reconhecido a necessidade de usar sinais como ponto de partida para o ensino do surdo. Defendia que os educadores deveriam aprender os sinais para se comunicar com os surdos, e valorizava a língua de sinais, acreditando inclusive que ela daria a chave para todas as outras línguas, que seria uma 'futura língua universal' (Lane, 1984, p.181 citado por SACKS, 1998).

comprometem mais com a aprendizagem quando compreendem o porquê dela, ou seja, há um maior engajamento (Smith, 2012; Katz, 2013; Katz; Sugden, 2013; Marino et al., 2014). Essa conexão entre a compreensão do propósito e o engajamento dos estudantes é crucial para otimizar os resultados educacionais, a reflexão dos estudantes das barreiras enfrentadas pelo colega surdo pode facilitar a compreensão da relevância do aprendizado da língua de sinais.

Segundo Zerbato; Mendes, 2018, p. 151: “Há várias estratégias que podem ser utilizadas para ampliar o engajamento dos estudantes, como (i) fornecer níveis ajustáveis de desafio; (ii) oferecer oportunidade de interagir em diferentes contextos de aprendizagem e (iii) proporcionar opções de incentivos e recompensas na aprendizagem”. A língua de sinais proporciona a oportunidade de interação em diversos contextos, oferecendo a oportunidade para uma representação visual da comunicação. A capacidade de estabelecer comunicação com o colega pode atuar como motivador significativo no processo de aprendizado da língua, contribuindo para a criação de um ambiente mais propício à motivação dos estudantes.

Analisando na perspectiva do desenvolvimento de uma língua viso-espacial, quando a língua utiliza principalmente elementos visuais e espaciais em sua estrutura, percebemos também efeitos positivos no aprendizado. O termo “viso-espacial” é frequentemente associado às línguas de sinais, que são línguas gestuais-espaciais utilizadas principalmente pelas comunidades surdas. Definida como:

(...) a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

Nessas línguas, a comunicação é realizada principalmente por sinais, expressões faciais e posicionamento no espaço, cada componente desempenha um papel significativo na transmissão de significados, e ressaltamos que a língua viso-espacial é rica em nuances e detalhes.

Essas línguas não dependem exclusivamente do canal auditivo, e sim da visão e do espaço ao redor do comunicador, e, esse aspecto é fundamental para a comunicação eficaz, as línguas de sinais tem suas próprias gramáticas e estruturas linguísticas o que as diferenciam das línguas orais-auditivas.

O aprimoramento das competências relacionadas à expressão facial e corporal é essencial para atender as especificidades da língua de sinais, e é necessário promover o

desenvolvimento dessas habilidades também em ouvintes. A esse respeito, concordamos com Wilcox e Wilcox (2007, p. 127) ao alertarem que os aprendizes de uma língua de modalidade espaço-visual precisam ser estimulados quanto à percepção visual, pois, apesar de, geralmente, apresentarem plena acuidade visual, “receber uma mensagem visual é diferente de apreciar uma obra de arte ou olhar para os dois lados antes de atravessar a rua”.

Nesse cenário, a ênfase na abordagem visual se faz notável, ressaltando sua importância como um valor cultural de significativa relevância para a comunidade surda, conforme preconizado por Skliar (2013). De acordo com o autor, a cultura surda é moldada por vivências visuais que, para além do código visual, incorporam experiências corporais, configurações espaciais e possibilidades estéticas profundamente ancoradas em imagens. Este enfoque destaca não apenas a centralidade da visualidade na cultura surda, mas também sublinha a complexidade e a riqueza das diversas formas de expressão e compreensão que emanam da experiência visual dentro dessa comunidade culturalmente distinta.

Ressaltamos também as concepções do ensino de língua de sinais sob a perspectiva da aprendizagem colaborativa que é fundamentada na ideia de que o processo educacional é mais eficaz quando os estudantes interagem ativamente uns com os outros. Enfatizando a colaboração, promovendo a construção coletiva do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades sociais. Segundo Figueiredo (2019), essa abordagem não apenas possibilita que o professor desempenhe seu papel, mas também proporciona que os estudantes assumam um papel ativo no processo educacional. O autor enfatiza ainda que essa abordagem promove maior autonomia por parte dos estudantes dentro da sala de aula.

Além disso, os aprendizes tem a oportunidade de expressar valores culturais e linguísticos, bem como compartilhar ideias durante a realização de tarefas. Para que esse aprendizado colaborativo ocorra partiremos da curiosidade natural dos estudantes com a língua de sinais, curiosidade que está intrínseca nas crianças.

Crianças são seres naturalmente curiosos, é imprescindível que o ato de construção de sua aprendizagem continue sendo através da curiosidade, através dos questionamentos e os porquês que fazem da criança, um ser único, especial e que deixa qualquer docente que ama sua profissão com uma incrível capacidade de esperar. (SILVA, 2022, p.59)

Explorar a curiosidade natural dos estudantes e utilizar essa base para ensinar e motivá-los a aprender colaborativamente, de maneira criativa pode representar uma estratégia alinhada aos princípios do Desenho Universal para aprendizagem (DUA). Essa abordagem busca

fomentar a participação ativa de todos os estudantes, tornando-os engajados e motivados no processo. Tal metodologia propicia um estímulo ao aprendizado por meio de desafios, nesse caso linguísticos, que motivam o estudante (Nelson, 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando toda a relevância da língua de sinais e sua completude linguística, propor o ensino dela em ambientes formais de aprendizado é uma perspectiva de remoção de barreira linguística e também de direito dos estudantes, sejam eles surdos ou ouvintes, de se apropriar de uma língua. Dada a natureza teórica deste ensaio, foram revisados diversos autores cujas obras sustentam a ideia central da pesquisa, fornecendo uma base sólida para as discussões sobre a temática em questão. Esses autores oferecem perspectivas valiosas que reforçam a importância e a viabilidade da inclusão da língua de sinais no currículo formal de instituições educacionais.

Na perspectiva do ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para todos os estudantes em uma sala de aula, o Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) demonstra ser uma abordagem compatível. Em síntese, o DUA “[...] facilita o acesso ao currículo, a atividades de aprendizagem e à vida social da sala de aula a todos os alunos” (Katz, 2012, p. 25 apud Nunes; Madureira, 2015, p. 33).

Portanto, o Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) apresenta diversas contribuições para proporcionar a todos os estudantes igualdade de oportunidades de aprendizagem por meio de estratégias de ensino diferenciadas. Outro ponto crucial e fundamental para a pesquisa é a ênfase de que não se trata exclusivamente da adaptação do estudante ao ambiente escolar, mas, conforme destacam Magalhães, Cunha e Silva (2013, p. 34), é a escola que se adapta “[...] a todas as crianças que nela estejam matriculadas, em vez de esperar que os alunos com deficiência se ajustem a ela”. A língua de Sinais não é apenas a língua do estudante surdo, ela é uma língua que oferece comunicação a aqueles que tem maior identificação com o meio visual, existe uma crescente quantidade de estudos internacionais que evidenciam vantagens especiais para crianças que aprendem a língua de sinais.

Destacamos aqui a pesquisadora Marilyn Daniels que, há mais de 15 anos, demonstrou os benefícios da aprendizagem da Língua de Sinais em crianças na idade pré-escolar. No âmbito do contexto educacional inclusivo, é imperativo viabilizar diversos métodos de ensino

capazes de atender às necessidades de todos os estudantes. Oportunizar o ensino de Libras oferece diversas contribuições dentro da abordagem do Desenho Universal para aprendizagem (DUA), considerando os Três Princípios do DUA - representação, ação e expressão, e engajamento – os quais foram escolhidos como suporte teórico para o desenvolvimento deste artigo. Com o intuito de minimizar barreiras ao processo de aprendizagem, torna-se essencial assegurar que as informações fundamentais sejam acessíveis de maneira equitativa a todos os estudantes. Na perspectiva do DUA deve-se: 1) fornecer a mesma informação através de diferentes modalidades (por exemplo, através da visão, audição ou toque); 2) fornecer informações em um formato que permita ajuste por parte do usuário (por exemplo, texto que pode ser ampliado, sons que podem ser amplificados). Essas múltiplas representações não apenas garantem que a informação seja acessível a alunos com deficiências sensoriais e perceptivas específicas, mas também mais fácil de acessar e compreender para muitos outros (Cast, 2022)

Por ser a Libras uma língua visoespacial, é concebida como experiência visual, e tal fator desestabiliza ideias preconcebidas sobre o padrão de normalidade de aprender somente através da audição. Tal experiência visual se traduz em todos os tipos de significações, representações e ou/ produções, seja no campo intelectual, linguístico, ético, estético, artístico, cognitivo, cultural, como base a linguagem visual e as experiências de cada sujeito. Nesse sentido, a língua de sinais pode contribuir para que estudantes ouvintes possam aprender com uma língua visual, sendo um suporte adicional a assimilação de determinados conceitos e conteúdos.

Segundo Antunes (2001), a ampliação dos horizontes culturais dos estudantes torna-se essencial, demandando atitudes pautadas pelo interesse, respeito e participação ativa. Nesse contexto, o ensino da língua de sinais no ambiente educacional enriquece a diversidade linguística pois permite que os estudantes mergulhem em uma língua visual e gestual, a experiência transcende as barreiras da mera aprendizagem linguística, proporcionando uma compreensão mais abrangente das diferentes culturas que permeiam a comunicação não verbal, fomentando, assim, uma consciência cultural. Com base nos resultados deste estudo, constatamos que as pesquisas sobre a inclusão da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no currículo de estudantes ouvintes ainda são incipientes, no entanto, destaca-se a necessidade premente de análises e discussões mais aprofundadas sobre o tema. A inserção do ensino de Libras sob a perspectiva do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) pode oferecer novas e valiosas abordagens para a análise e implementação desse ensino, potencialmente

revelando formas inovadoras e eficazes de promover a acessibilidade e a inclusão linguística nos ambientes educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar um artigo não significa concluir as discussões sobre um tema, e sim apontar uma síntese do que encontramos, sinalizando o caminho para que outras pesquisas possam avançar na temática. Consciente do recorte feito para esse estudo, e a dificuldade em encontrar artigos com a mesma temática, consideramos importante que mais pesquisas sejam realizadas, os apontamentos do presente artigo não esgotaram as discussões sobre o assunto, pelo contrário, apenas iniciaram reflexões que possam incentivar novas pesquisas ou atribuir novos significados aos estudos da língua.

Entretanto, pesquisar sobre a temática proporciona a reflexão acerca de estratégias que possam enriquecer o processo de ensino, visando atender de maneira eficaz a diversidade de estudantes. Destaca-se que o ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras) nas escolas pode acarretar em inúmeros benefícios aos estudantes, alguns citados nessa escrita.

Corroborando com Meyer, Rose e Gordon (2014, p. 3), o Desenho Universal para aprendizagem é “[...] uma abordagem para resolver as insuficiências de escolas, em vez de estudantes [...]” concordamos que o ensino de Libras contribuirá para uma sociedade linguisticamente mais preparada para acolher pessoas surdas, e esse movimento inicia-se na escola que por vezes não considera barreiras comunicacionais.

A escola assume um papel fundamental como catalisadora de transformações quando se propõe a eliminar barreiras. Nesse contexto, é crucial reconhecer que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) não é exclusivamente destinada aos estudantes surdos, mas também pode enriquecer a experiência educacional de estudantes ouvintes. A incorporação da Libras no ambiente escolar não apenas fomenta a inclusão efetiva de estudantes surdos, mas também cria uma atmosfera mais diversificada e acessível para todos os envolvidos na dinâmica escolar. Ao desafiar a visão tradicional e promover uma educação verdadeiramente inclusiva, a escola se torna um espaço propício para o aprendizado e a valorização da diversidade linguística e cultural.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **A criança e a segunda língua**: significação e memorização. Crônica de 25.11. 2004.
- CAST. Center For Applied Special Techonology. About Universal Design for Learning, version 2.2. 2018. Disponível em: <https://www.cast.org/impact/universaldesign-for-learning-udl>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- CAST. Center For Applied Special Techonology. Guideline 3: Provide options for Comprehension. CAST, 2022. Disponível em: <https://udlguidelines.cast.org/representation/comprehension>. Acesso em: 23 set. 2022.
- ROSE, D.; MEYER, A.; STRANGMAN, N.; RAPPOLT, G. Using UDL to accurately assess student progress. In: ROSE, D.; MEYER, A. (Eds.). *A Practical Reader in Universal Design for Learning*. Harvard Education Press, 2006.
- MEYER, A. *Teaching every student in the digital age: Universal Design for Learning*. Alexandria: Assn for Supervision & Curriculum, 2002.
- NUNES, C.; MADUREIRA, I. Desenho Universal para a Aprendizagem: construindo práticas pedagógicas inclusivas. *Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa*, v. 5, n. 2, p. 126-143, 2015.
- MAGALHÃES, J. G.; CUNHA, N. M.; SILVA, S. E. *Plano Educacional Individualizado (PEI) como instrumento na aprendizagem mediada: pensando sobre práticas pedagógicas. Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2013. UNIFESP.
- FIGUEIREDO, F.J.Q. de. *Vygotsky: a interação no ensino-aprendizagem de línguas*. São Paulo: Parábola, 2019.
- SILVA, Carine Mello da. *Exploração das tecnologias digitais na alfabetização e no letramento de crianças com surdez*. Dissertação. Universidade regional integrada do alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2022. Acessado em: 16 de nov. de 2023. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=12425804
- Nelso, L.L. *Design and deliver: planning and teaching using design for learning*, Paul. H. Brookes Publishing Co. 2014. 151p.
- SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

WILCOX, S.; WILCOX, P. Aprender a ver. Tradução Tarcisio de Arantes Leite. Coleção Cultural e Diversidade Arara Azul. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

SMITH, F. G. Analyzing a College course that adheres to the Universal Design for Learning (UDL) framework. *Journal of the Scholarship of Teaching and Learning*, Boston, v. 12, n. 3, p. 31-61, 2012.

MARINO, M. T. et al. UDL in the middle school science classroom: can video games and alternative text heighten engagement and learning for students with learning disabilities? *Learning Disability Quarterly*, v. 37, n. 2, p. 87-99, 2014.

KATZ, J. The three block model of Universal Design for Learning (UDL): engaging students in inclusive education. *Canadian Journal of Education*, v. 36, n. 1, p. 153-194, 2013.

KATZ, J.; SUGDEN, R. The three-block model of Universal Design for Learning implementation in a High School. *Canadian Journal of Educational Administration and Policy*, v. 141, p. 1-28, 2013.

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 22, n. 2, p. 147-155, 2018. Disponível em: <http://www.unisinos.br/revistas/index.php/educacao/article/view/1>. Acesso em: 5 jun. 2024.